

«A criança é eminentemente afectiva, sensorial e lúdica.»
Santos e Balancho (1999: 51)

Uma vez identificado o objecto da nossa reflexão e realizado o seu enquadramento didáctico, impõe-se, antes de avançarmos, problematizar a Escrita Expressiva e Lúdica.

Partindo do princípio de que o processo de ensino-aprendizagem, a nível desta modalidade da escrita, se reveste de uma dimensão lúdica, capaz de ampliar a visão linguística, numa liberdade de pensamentos e de vivências, constata-se que a EEL influencia positivamente a escrita, numa concepção expressiva, em conexão com o escrever inspirado e criativo.

De facto, a EEL é uma plataforma que, tendo em consideração as características próprias da aquisição linguística dos nossos alunos, se situa numa perspectiva particularmente relacionada com a competência criativa discente. O importante é levar o aluno a reconhecer diferentes situações de escrita em que a criatividade e originalidade estarão presentes.

O que é, então, a Escrita Expressiva e Lúdica? Na procura da melhor aceção desta modalidade da escrita, teremos indubitavelmente de considerar cada um dos termos da expressão: *expressiva* e *lúdica*. O primeiro termo corresponde a um conteúdo escolar que faz parte dos programas do 1.º e 2.º Ciclos; o segundo diz respeito à preparação e exigência didácticas necessárias, quer em contexto escolar quer social.

Embora a EEL constitua um todo, uma categoria específica da escrita, distinguiremos a palavra *expressiva* da *lúdica*, na medida em que *expressiva* implica, hoje, a prática dum acto, deliberado ou não, aplicado pelos alunos à língua portuguesa. No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001), podemos ler, a propósito do étimo latino *expressum*: «Que reflecte claramente, de forma viva, o que se pretende exteriorizar ou dar a entender, conhecer; que tem expressividade.»

Completar uma frase, escrever uma quadra ou um poema, um texto narrativo, é praticar uma escrita onde se comunicam fantasias, se recordam acontecimentos e emoções, se transmitem valores culturais,

sociais ou morais, quase sempre subjacentes a uma vivência e experiência emocional, em suma, é praticar escrita expressiva. Neste sentido, toda e qualquer forma de escrita poderá ser considerada escrita expressiva.

Contudo, a EEL constitui a modalidade que privilegia «o desejo e a possibilidade de *expressar livremente* as suas vivências [...] e incentivar a leitura desses registos funcionais.» (Peças, 1993: 62-63). Nesta sua modalidade, a escrita funciona como uma ponte de ligação com a vida real. E, para que isso aconteça, o professor deverá ter a abertura suficiente à expressividade linguística dos alunos. Sem dúvida que, na prática da escrita expressiva, avultam os cambiantes da apreensão das funções da linguagem⁸ que orientam para a expressividade linguística. Deste modo, poder-se-á verificar o que afirma Rei (1998: 109): «Os alunos [...] manifestam uma boa relação com a escrita [...]. A maior parte deles recorre a ela para expressão de si próprios, significando que a escrita entrou nas suas vidas como uma forma de consciência deles mesmos e do mundo à sua volta.» Temos aqui presente o carácter expressivo da escrita.

Para que se criem situações e projectos diversificados que integrem funcionalmente a produção de escrita expressiva discente, é então necessário que surjam, na sala de aula, ocasiões de convívio com a escrita associada a situações de prazer, no reforço da autoconfiança, o que nos fará estar na presença da escrita lúdica. Derivada do étimo latino *ludus*, *lúdico* significa «Que tem relação com o jogo enquanto elemento do comportamento humano; que distrai e diverte» (*Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, 2001). Neste sentido, a palavra *lúdica* é, naturalmente, distinta da *expressiva*. No entanto, ambas implicam colocar a escrita ao serviço dos alunos, levando-os a colocar à prova a sua CLC, no uso da língua escrita.

Na EEL, a escrita deverá resultar sem receio de censuras e com o entendimento de que todas as produções podem ser melhoradas, reformuladas, transformadas. Rei (1996: 612) diz-nos que Albalat considera que o difícil não é escrever, mas sim sentir o assunto, assim como Theobaldo Miranda Santos que refere que só se escreve bem aquilo que se sente viva e intensamente. Nestes pensamentos, está implícito aquilo a que apelidamos de carácter expressivo, na medida em que através de produções de EEL, os alunos comunicam as vivências reais, o seu mundo imaginado ou a visão que possuem do mundo que os rodeia. E é através da EEL, concretizada pela dinamização de TEEL, que os alunos aplicarão os seus conhecimentos do mundo e da língua, numa

⁸ Sobre funções da linguagem, leia-se Carmo e Dias (1984: 21- 28).